

LIFESTYLE

BRASILS

Refúgio Ecológico Caiman no Estado de Mato Grosso do Sul nos apresenta uma das mais plurais faunas e a floras do mundo

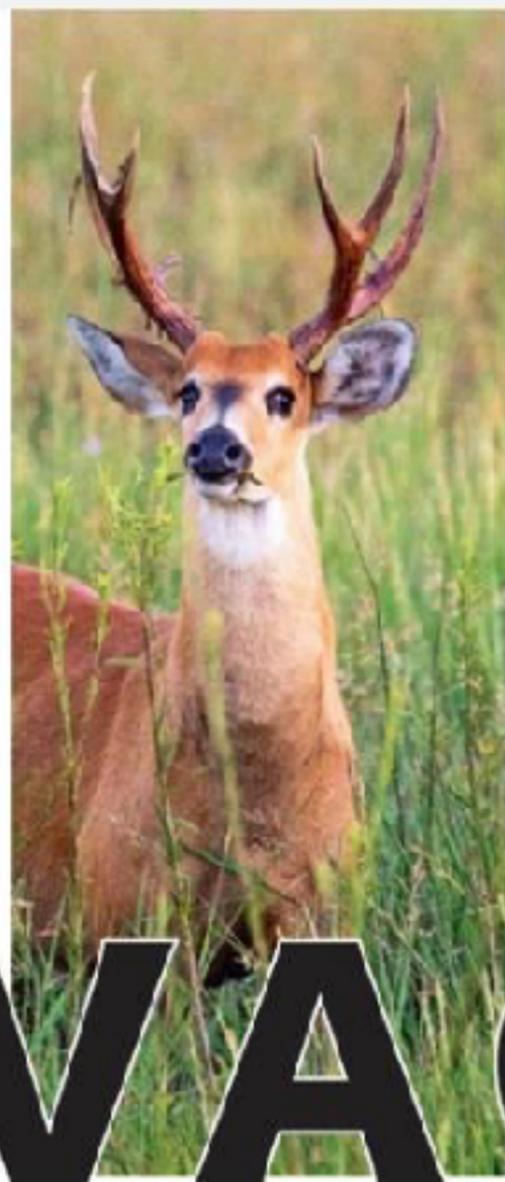
Por Pimpa Brauen*



Majestosas onças-pintadas, araras-azuis, veados-campeiros e lobos-guará. Ver animais como esses a poucos metros de distância, no meu próprio país, me parecia algo incrível – e mais exótico do que atravessar o Atlântico e apreciar elefantes como faz a maioria dos brasileiros. Nossa fauna e flora são inacreditáveis, mas, ainda assim, menos conhecidas por nós do que as que encontramos em países como África do Sul. E isso precisava mudar, ao menos para mim. Algo no cerne da experiência entre os safáris internacionais e as rotas do Refúgio Ecológico Caiman, sediado em Miranda, no Estado de Mato Grosso do Sul, parece o mesmo: só é possível amar e cuidar de um lugar quando você de fato o conhece.

A ideia de imersão na natureza da Caiman vem sendo desenvolvida no Pantanal há mais de 35 anos, desde que o ambientalista paulistano Ro-

berto Klabin transformou um segmento de 53 mil hectares da antiga fazenda da família – a Miranda Estância, fundada em 1912 – em um espaço dedicado às atividades principais de seu ciclo sustentável: pecuária, ecoturismo e geração de conhecimento. Pioneira nesse modelo de turismo no Brasil, a Caiman também inovou na composição de suas equipes de guias especializados, que incluem naturalistas de formações distintas e guias de campo, com nativos e moradores locais capacitados para atividades na natureza. São eles que através de seus conhecimentos nos conduzem a mergulhar na cultura pantaneira por meio de inúmeras vivências. Em uma dessas ocasiões, acompanhei de perto centenas de cabeças de gado sendo manejadas de uma internada a outra por vaqueiros pantaneiros ao som do berrante. Durante o trajeto, tímidos raios de sol misturavam-se com a poeira do chão batido, enquanto araras-azuis vocaliza-



Fotos: Rirpa Brauer

ELVA GEM

vam e cruzavam o céu freneticamente como se quisessem cumprimentar todos.

Por lá, o tempo corre manso, mas sempre com novidades. Uma delas é que a partir de junho deste ano o complexo será ampliado com o lançamento da Casa Caiman, que terá 18 suítes maiores, restaurante, bar, academia, piscina, sala de leitura, espaço para observação de aves e circuito para caminhadas. Ainda que a pandemia da covid-19 tenha diminuído o ritmo das viagens em escala global, a serem retomadas com cautela e consciência a partir da vacinação, o Pantanal continua reconhecido como um dos melhores destinos para a observação de fauna.

De árvore em árvore, a Caiman se recupera das queimadas que alcançaram a propriedade no segundo semestre de 2020, atingindo cerca de 60% do local. Em uma constatação bastante otimista, viu-se que mesmo as palmeiras, que são a base da alimentação das araras-azuis, voltaram a dar frutos após alguns meses. A notícia, sem dúvida, encheu de esperança os profissionais do Instituto Arara Azul, que estudam a conservação da espécie. Uma das atividades oferecidas é a possibilidade de

participar do dia a dia em campo com a equipe do projeto para o monitoramento dos ninhos.

Outra concorrida programação é andar a bordo dos carros adaptados para o registro fotográfico das onças-pintadas. Graças ao empenho da organização idealizada por um ex-piloto da Fórmula 1, o paulistano Mario Haberfeld, o Onçafari oferece as condições necessárias para o encontro com os animais em seu hábitat, garantindo também a proteção deles através do monitoramento feito por rádiocolares. Desde 2011, quando o projeto cravou a primeira pegada no chão, aconteceram cerca de 3.400 avistamentos identificados pelos turistas.

Prestes a partir, embevecida pelo horizonte manchado de vermelho, me despedi do dia remando em uma canoa canadense. Chegando à beira do rio, um tamanduá-bandeira me aguardava, confesso, mais preocupado com suas formigas do que com a minha visita. Com mais de 151 mil quilômetros quadrados, a porção brasileira do Pantanal é um território com muitas histórias a serem descobertas. As que sabemos até aqui têm garantido jornadas poderosas. Vale a pena lançar-se em cada uma delas.

*A jornalista viajou a convite do Refúgio Caiman



SUSTENTABILIDADE

POR
ROBERTO
KLABIN

NOSSO LEGADO

Vivemos em um mundo em que as pessoas estão primordialmente direcionadas para o crescimento econômico e tudo aquilo ao qual não é possível atribuir valor não tem futuro. Como harmonizar em nosso tempo e em nossa sociedade as complexas demandas que cobramos dos recursos finitos deste mundo e a necessidade de conservá-los para as próximas gerações? Como explicar para os mais jovens que, graças aos relatos dos antigos que viveram em outras épocas, quando a natureza era abundante, aquilo que hoje encontramos na maioria dos ambientes naturais deste planeta é apenas um fragmento do que já existiu, e que a causa desse gradual desaparecimento somos nós?

Se não fossem esses relatos, não perceberíamos essa perda de biodiversidade e da beleza deste mundo. Assim, cada geração se contentaria com o “menos”, o novo normal, e assim por diante iria sendo criada uma sensação de amnésia coletiva e a falta de interesse em lutar pela reconstituição desses ambientes que se foram ou estão no processo de desaparecer. Que legado a nossa geração pretende deixar para as futuras?

Nós brasileiros fomos abençoados com uma riqueza natural inigualável. Ambientes como a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal, para citar alguns, fazem do Brasil a maior potência ambiental do planeta.

Apesar de todo o desconhecimento e o descaso de governos e da sociedade em geral, agravados ainda pelas mudanças climáticas que assolam o planeta, muitos desses biomas ainda resistem e mantêm características naturais que remetem ao seu passado de esplendor e abundância.

Tive o privilégio, quando menino, de conhecer o Pantanal e, desde então, estabeleci um compromisso comigo mesmo de que iria fazer algo, um dia, que pudesse aliar o desenvolvimento econômico da região conservando e preservando ao máximo a beleza e a vida selvagem que eu encontrei por lá

no meu primeiro encontro. Esse é hoje o

meu projeto de vida e minha satisfa-

ção maior vem da constatação de

que um número cada vez maior de pessoas que amam aquele lugar está disposto a arregaçar as mangas e lutar para que o Pantanal não desapareça.

Assim, convido todos a usarem uma parte do seu tempo em projetos que façam a diferença e que deixem este mundo mais

belo para o nosso deleite e das próxi-

mas gerações. E, se você acha que está sozinho ou é muito pequeno para fazer a diferença, lembre-se de um ditado africano que diz: “Se você se acha muito pequeno para fazer a diferença, é porque você nunca dormiu num quarto com um mosquito!”.



Fundador da SOS Mata Atlântica e da SOS Pantanal, Roberto Klabin é empresário e um dos grandes defensores do ecossistema mundial